

Índice

Intróito	9
<i>a porta que para si agora se abre</i>	

CONTOS DE SINTRA

I – Memória de Uma Noite nos Capuchos	15
II – O Polvo	43
III – Desventurosa Estrela	77
IV – O Cavaleiro e o Demónio	III
V – Os Libertos	135
VI – Eternidade	161

CARTAS DE UMA DONZELA A UM ERMITÃO, NOS MODERNOS ANOS DE 1800

I	II
II	41
III	73
IV	109
V	131
VI	159



Entrance to Penna, W. Burnett, 1834

INTRÓITO

A PORTA QUE PARA SI AGORA SE ABRE

Dos idos tempos na Serra, a todos nos ficam memórias que rebrilham ao as recordarmos, quando em nossa mente evocam essas os cheiros, os tons, os doces ruídos, a lisa textura do sabor da água qual líquida guloseima, e as rumorejantes folhas e fortes troncos por onde corre a intangível secreta seiva, sangue dos verdes que avivam a elegância de Sintra, que com acalmia para nossas vidas queremos roubar.

Nós, cada um possui à sua maneira a interpretação do que vimos e do que sentimos na Serra, em tarde ou manhã de um dia apenas, ou no correr do tempo que com meses e anos se espalha como pequenos diamantes sobre a superfície que nossa vivência cobre.

Em algumas pessoas, esses pequenos diamantes penetram nessa lisa superfície como sementes, translúcidas sementes absorvendo a luz que nossas vidas ilumina, projectando-a em nosso interior, alumando recantos que desconhecíamos ter, cantos de onde brota a voz de nossa criatividade num encantador murmúrio de sereia, para o qual Ulisses desamarrado desejamos ser.

Assim também comigo se passou desde cedo, onde fui abrigado do sol pela sombra dos seculares troncos e dos decenários ramos, e onde me abriguei da vista dos lunares raios em sazonais folhas, sentindo sempre que a essa maternal protecção em minha vida, devia eu uma forma de sua beleza propagar.

A escrita felizmente faz com que em quem escreva, tal como em alguns que escrita essa leiam, sejam avivados os mais inspiradores sentidos do sonho, em seu amor, em sua liberdade, em sua evolução que anseia ir ao velho átrio do ser, buscar os desejos esquecidos em calmos ícones e em vetustas estátuas.

O que assim pretendo com este trabalho que agora se inicia, é apenas prestar a minha homenagem a Sintra, de acordo com o que dela sinto, e com



CARTAS DE UMA DONZELA a Um Ermitão, nos Modernos Anos de 1800

I

Minha Cara Senhora,

Não sei o que a terá levado a escrever a esta pobre e mísera alma, mas n'aquillo que em mim julgará encontrar (desconhecendo eu que isso seja) é um gosto sentir avivado este sentimento de algo poder dar, a quem em mim algo procura. Algo que perdi não o lamentando, algo maior na vida buscando.

Nas entrelinhas da sua carta, puderam (decerto sem o querer) dúvidas suas brottar, e aquillo em que me inquiriu, a mim se mostra como differente do que de emtre as suas palavras espreita.

Alliás, seus próprios medos ou anceas isso mesmo demonsttram, tal é surpresa a minha (por mais do que ter de esta resposta lhe escrever em tempo pouco) ter de fazer esperar durante indefinido tempo (e de pé visto que insiste em seu traseiro não sujar) o moço que sua missiva me trouxe, e que p'lo concluir desta minha aguarda.

Não respondendo às questões que me collocou (ousando não o fazer esperando que tenha consciência de que se commigo em contacto emtrou, assim se submetteu haquillo que mais do que caprichos sendo, mais acho melhor) responderei antes haquillo que não me perguntando, mostrou.

Aquillo que de sua vida fizer, a si só lhe competterá; Deus, destino, ou balança o pesando, que a si a julgue no dia final. E dia final? Dia final ninguém sabe quando é, visto que do mesmo modo, impossível é de dizer quando dia foi aquelle em que tudo começou, se dia já se sentia como agora o emtendemos, no começo dos tempos.

Crer ou não crer, fazer ou não fazer nisso se baseando, nada tem que ver com o que importante é, e atravez do qual pode tanto ou mais dar, para além d'aquillo que a cristandade apregoando, pretende. A isso, a isso se chama evolução, e não me reffiro





I

As voltas sobre a palha à noite davam continuamente cabo de mim. De entre todos os noviços, seria eu o único que ao verdadeiro preceito dos franciscanos teria direito? O incômodo, o desconforto, a pobreza, o nobre desvanecimento da alma que consigo sempre traz a essência que purifica o espírito...

Não que as diferenças de trato fossem grandes, pois nem o chegavam a ser no seu intrínseco, mas os pormenores, os detalhes, são sempre aquele local onde vive o residual ser do Mundo inferior. E são esses detalhes, esses pormenores, essa criatura, que em nós enleva as emoções, as negras paixões, os sedentos desejos de que se alcance um equilíbrio através da perjura, da desgraça, de um paradoxo de falsa e verdadeira desgraça que todos nós Humanos, queremos sempre levar a cabo, para que ninguém acima de nós fique, não sabendo ou não recordando, que é de baixo, de baixo e não do Mundo inferior, que os corações se fortificam, que os espíritos crescem, tal qual como ali, naquela leve circunstância, em que também eu me sentia por baixo, entre aqueles que de forma igual na hierarquia, em baixo comigo se mantinham.

Levantando-me, com meus dedos ruborizadamente rabiscando a minha pele no satisfazer do incômodo que sempre se esconde na comichão, no espicaçar do sentido preso na pele, ali devido à palha que a serapilheira do traje superava em já quase incólume incômodo se tornando como uma dormência de um mal, de um incômodo desconforto que os nossos movimentos anestesia, via eu espreitando da porta que entreaberta sempre se encontrava, a luz na pequena janela da enfermaria que se movimentava entre as oscilantes sombras que com o vento se mexiam na copa das árvores que



palpitante coração parecia uma negra boca pronta para com minha maldade me engolir, sugando-me entre sua ombreira, como sendo uma negra e mordaz boca com seus tenros lábios de cortiça, num divino castigo pelas acções que ainda não perpretadas, eram por mim desejadas.

Tornando à direita, de súbito fui por mim assaltado, pelo meu pensamento, pensando que poderia cruzar-me com *ele*, caso fosse aquele o momento de recolocar os habituais livros do falso estudo na biblioteca, que deixava eu para trás à esquerda, no fim das escadas que agora subia.

Estava no patamar.

Em frente à enfermaria, que de sua encostada porta escorria luz de diferentes intensidades pela mesma fresta por onde saía a brisa que lá dentro revolteando, agarrando-a, abanava a chama da vela que para fora da janela projectava as dançantes sombras, encontrava-me eu, aprestado a dar um dos passos mais importantes no caminhar daquela noite.

Os meus dedos, agarraram o rebordo da porta como se garras de um animal repleto de vívido instinto fossem, e soluçadamente abriram a porta, no mortício e quase silencioso ranger de suas cansadas dobradiças.

X

Ali estava ele, num cepo sentado, abeirado de uma mesa onde a sua mão escrevia aquilo que mais nenhuns olhos deveriam ver que não os seus, através de três livros que abertos paisanavam aquele tampo onde íntimas perversões eram através de pena e tinta em papel marcadas.

— Frei Cândido... — sussurrei, e a sua cabeça, por seu tronco acompanhada, lentamente na minha direcção se tornou, com uns vidrados olhos me olhando, onde quase se poderia ver a linha de líquido que tinha ingerido e na qual estava imbuído, a oscilar dentro dos seus brancos oculares glóbulos raiados de sangue, tal era a ebríez.

Com a manga do seu hábito lentamente deslizando sobre a sua escrita, esboçou um sorriso e disse:

— Meu filho... que aqui fazes?... Queres brincadeira?... — disse, completamente fora de si.

— Não, Frei Cândido, tenho uma coisa para si. Uma boa coisa para si.

— Ai sim, meu rapaz? Esta noite o sangue que corre nas minhas veias está gélido, como se prenúncio fosse de algo que está para acontecer...

Fiquei estarecido, tal estivesse ele a ser avisado pelo Divino.





AN OLD CHAPEL OF THE MOORISH CASTLE.

An Old Chapel at the Moorish Castle, W. Burnett, 1834